
- **TEORIA DA TRADUÇÃO I**

Coordenador(a): Andrea da Silva Rosa

DE SCHLEIERMACHER A DERRIDA: A IRRACIONALIDADE DAS LÍNGUAS E A QUESTÃO DA LÍNGUA MATERNA

Maria Aparecida dos Santos (UNICAMP)

Este estudo pretende examinar a concepção de língua materna presente num texto de Friedrich Schleiermacher, “Sobre os diferentes métodos de tradução”, produzido em 1813. A partir da análise da tensão entre língua materna/língua estrangeira, estabelecida quando da discussão dos possíveis métodos de tradução, pretende-se observar se a discussão que estabelece sobre a necessidade da tradução fornece elementos que permitem questionar a familiaridade da língua materna; assim como observar se a relação de necessidade e de impossibilidade da tradução feita por Schleiermacher para as traduções em língua estrangeira pode ser estabelecida em língua materna.

A hipótese é a de que as tensões estabelecidas no texto, em relação à língua materna-língua estrangeira e tradutor-intérprete, ratificam a não garantia de transposição de conteúdos dentro da própria língua e entre línguas. Para a análise, serão observadas duas colocações do autor. Na primeira, tem-se a afirmativa da “(...) necessidade de traduzir também dentro da própria língua e dialeto (...)” (Schleiermacher, 1813:29). Em segundo lugar, têm-se as discussões feitas pelo autor que se relacionam a uma contaminação necessária e constitutiva das línguas, realizadas quando da observação do que seja uma tradução científica e uma tradução técnica. Pensa-se que as duas colocações expõem a impossibilidade de estabelecimento de contornos definidos do que seja uma língua materna.

A necessidade de traduzir também dentro da própria língua abre espaço para o estranho, constitutivo do que lhe é familiar, posto que “só pede para ser traduzido o que se atribui inicialmente como intraduzível.” (Derrida, 1996:4). A possibilidade desse intraduzível se liga à impossibilidade mesma da tradução. Essa tensão permanente entre o intraduzível e a tradução encena uma não possibilidade de delimitação entre o que é materno e o que é estrangeiro. O familiar e o estranho coabitando uma língua esvanecem a fronteira entre língua materna e língua estrangeira.

DERRIDA E A CENA DA TRADUÇÃO

Zelina Márcia Pereira Beato (UNICAMP)

Essa comunicação pretende apresentar a reflexão desenvolvida na minha tese de doutorado, quando me aproximei da psicanálise freudiana e das questões de tradução aí envolvidas a partir da perspectiva da desconstrução.

Temos já um conceito de arquivo? Possuímos já um significado homogêneo e garantido do que seja um conceito ou uma palavra como “arquivo”, num momento em que, mais que nunca, as formas de arquivamento real e virtual, as formas e os entendimentos sobre os sistemas de comunicação cibernéticos colocam-nos problemas éticos, jurídicos e sociais ainda impensados e que, arrolam a definição dos esquemas de leitura e interpretação, de decifração e tradução a partir de um corpus cuja unidade, identidade e homogeneidade é, já e sempre, pressuposta?

Em *Mal de Arquivo*, 2001, Derrida questiona, e é também desse questionamento que trata minha tese: Temos o direito de tratar o chamado arquivo psicanalítico-freudiano segundo uma lógica ou um método, uma historiografia ou uma hermenêutica independentes da psicanálise freudiana, talvez anteriores ao próprio nome de Freud, pressupondo, de uma outra maneira, o fechamento e a identidade deste corpus? (p.50).

Levar em conta a psicanálise freudiana é lembrar o grande projeto freudiano de pensar o processo de arquivamento, os lugar e as possibilidades de consignação e de registros, é lembrar, como nos faz Derrida, sobre as formas e as possibilidades de interpretação, de leitura e de tradução desse grande arquivo sobre o qual se lê o nome de Sigmund Freud.

MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO - UMA NOVA VISÃO DE EQUIVALÊNCIA

Aline Requine (UFRJ)

Diante da progressiva necessidade dos tradutores técnicos de nas suas traduções contarem com o apoio de Memórias de Tradução que são sistemas de bancos de dados que armazenam unidades de tradução nos idiomas de origem e destino para futuros reaproveitamentos com base em graus de equivalência, o presente estudo busca elucidar uma nova visão de equivalência específica ao uso das Memórias de Tradução.

O LUGAR DE FORMAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS

Andrea da Silva Rosa (UNICAMP), Regina Maria de Souza

O presente trabalho fez parte de uma pesquisa que teve como objetivo discutir a prática do intérprete de língua de sinais (ILS), a partir dos Estudos da Tradução. Problematizar a atuação do ILS na educação de surdos no campo dos Estudos da Tradução é uma novidade, uma vez que a tarefa deste profissional tem sido normalmente discutida a partir do enfoque da educação especial. Atualmente, a interpretação da língua de sinais no Brasil é exercida, por pessoas que tornaram-se intérpretes de forma fortuita. O ILS, até pouco tempo, não era considerado um profissional; deste modo, não era remunerado em qualquer situação. Com a aprovação das

recentes leis de acessibilidade de comunicação e suas regulamentações, e com os debates que vêm se produzindo no interior dos vários fóruns de intérpretes, nota-se o aumento da preocupação dos ILS por sua formação e melhor preparo teórico. Fato evidenciado nas respostas de seis sujeitos, de diferentes Estados brasileiros, entrevistados pela primeira autora desta apresentação. Os entrevistados reconhecem que o teorizar sobre seus atos interpretativos lhes permitiria passar do empirismo à constituição de um campo de saber ao qual pudesse ser aprimorado ou rediscutido. A abertura de cursos específicos de formação e a decorrente profissionalização do ILS são condições necessárias para retirá-lo da invisibilidade social e livrá-lo do estigma messiânico e assistencialista que marcam o exercício de sua função. No entanto, o que predomina é, ainda, uma atuação leiga, tal como ocorreu no caso dos tradutores de outras línguas até que se iniciassem cursos de formação universitária em 1968. No caso dos ILS, estamos no começo de uma longa jornada em busca da visibilidade de nossa tarefa enquanto profissionais do campo da tradução e da definição de parâmetros a partir dos quais possamos avaliar nosso preparo e buscar as melhores formas de continuar nossa formação.

QUEM CONTA UM CONTO... - A TRADUÇÃO COMO PROCESSO METONÍMICO

Dircilene Fernandes Gonçalves (USP)

Ao ser contada, toda história é re-contada. Mesmo o primeiro “contador”(autor), ao contar, o faz a sua maneira. O “conto”produzido por ele passa inevitavelmente pelo viés de sua interpretação, impregnada - conscientemente ou não - de seus valores pessoais. O criador de um texto não vive em completo isolamento; ele é um indivíduo inserido num contexto determinado que se reflete em sua criação. Dessa forma, um texto original é fruto de relações de intertextualidade.

O mesmo tipo de fenômeno pode ser observado com relação à tradução, uma vez que esta está submetida a fatores externos provenientes dos contextos que circundam ambos os textos - original e traduzido. Esses fatores tão diversos oferecem ao tradutor um leque de opções, e ele terá que fazer as escolhas que melhor representem o original dentro das circunstâncias de produção de sua tradução. Assim, enquanto escolha, pode-se considerar a tradução como um PROCESSO METONÍMICO de representação de um todo (o original), idéia defendida em teoria por Maria Tymoczko em um ensaio de 1999 e justificada na prática num texto muito anterior, o prefácio de J. R. R. Tolkien a uma tradução do poema anglo-saxão Beowulf, em 1940.

Tanto a elaboração teórica quanto a justificativa prática revelam a tradução como um processo de re-criação da obra original, capaz de revelar a possibilidade de múltiplas leituras, e que, além de habilidade técnica, exige um grande esforço de criatividade. Desde essa perspectiva, se o autor é um “contador” de histórias, o tradutor será, portanto, um “re-contador”.

TRADUÇÃO MANUAL E TRADUÇÃO AUTOMÁTICA: OBJETIVOS E POSSIBILIDADES

Denise Campos e Silva Kuhn (UNAERP)

Um idioma é um código de comunicação que, se não compartilhado pelas pessoas envolvidas no processo, exige um intermediário na operação de decodificação. Esse intermediário, que decodifica a mensagem e a transpõe para outro código é o tradutor - que hoje pode ser pessoa ou máquina. O objetivo deste trabalho é discutir algumas questões que envolvem a tradução de maneira geral e a tradução automática de forma específica. Discute-se inicialmente a tradução humana: procedimentos de tradução literal e procedimentos de tradução oblíqua são abordados. Há, a seguir, um breve histórico da tradução automática, passando-se então para as bases teóricas do tipo de tradução computacional que utiliza uma interlíngua. Finalmente, um exemplo desse sistema é apresentado: a UNL - Universal Networking Language.

TRADUZINDO O INTRADUZÍVEL: TUTAMÉIA EM ALEMÃO

Gilca Machado Seidinger (UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO)

Duas linhas, que ao mesmo tempo são uma só - Tutaméia, de Guimarães Rosa, e sua tradução para o alemão - convergem para constituir o ponto de partida das indagações que motivam o presente trabalho, interessado em sondar a delicada arquitetura da referida obra e as contingências do trabalho de transposição para outro idioma, que podem acarretar mudanças profundas nas possibilidades de leitura e interpretação do discurso narrativo; as diferenças estruturais entre os idiomas, a relação discurso-história, num sentido amplo, assim como a importância da forma da expressão na prosa rosiana, sua relação com o conteúdo e, em última instância, sua traduzibilidade. Como se traduz prosa literária? Pode-se traduzir Guimarães Rosa como se traduzem outros prosadores? Ou para tanto é preciso poder traduzir poesia? E como se traduz poesia? O tradutor do texto literário, também ele, realiza um fazer literário, não se limitando a transpor mecanicamente um conteúdo. E se traduzir é antes de tudo interpretar, interessa-nos refletir acerca das especificidades, dos riscos e dos resultados desse tipo de interpretação, com vistas a embasar a leitura da versão alemã de Tutaméia. Impõe-se a necessidade de abordar o texto na língua-alvo como um novo texto, independente do texto original (uma vez que é criação), porém, ao mesmo tempo, como dele dependente, pois também é recriação.